

190-212-

POVOS INDÍGENAS

Mortes refletem abandono histórico

Problemas de saúde chamaram a atenção para a fragilidade dos índios que vivem na reserva de Guarita

CLARINHA GLOCK

Uma gripe banal que desde 20 de dezembro de 1997 já matou oito índios na reserva de Guarita, no norte do Rio Grande do Sul, escancarou a carência de uma das maiores reservas indígenas do Estado. O vírus, que em pessoas saudáveis não provocaria mais do que febre, espertos e mal-estar, foi fatal para os corpos desnutridos das crianças e dos idosos caingangues. Nos 23.406 hectares da reserva, cujos limites se espalham pelos municípios de Redentora e Tenente Portela, vivem cerca de 4,1 mil índios. O número elevado de mortes em um curto espaço de tempo fez com que a Secretaria da Saúde e do Meio Ambiente (SSMA) enviasse um médico em caráter de urgência ao local.

O médico Silvano Rocha Neto, da Divisão de Programas e Projetos Especiais da SSMA, não demorou a fazer um diagnóstico. Para Neto, mais do que da fome ou da gripe, as mortes são resultado da miséria decorrente de um abandono histórico que tornou difícil a comunicação entre brancos e índios, enfraqueceu a identidade cultural do grupo e o deixou à mercê da boa vontade das autoridades. Na paisagem de terra vermelha cercada por resquícios de mata nativa de Guarita, os caingangues vivem, em sua maioria, em precárias casas de palha ou madeira, a maior parte delas sem infraestrutura sanitária e aquecidas apenas pelo fogo de chão.

Somente em janeiro, foram internados no Hospital Santo Antônio, em Tenente Portela, 70 indígenas. Os prontuários médicos apontavam desnutrição, anemias, gastroenterites, doenças respiratórias e alcoolismo. Os casos mais graves foram levados para Passo Fundo e Porto Alegre. "Só um trabalho sério de educação em saúde, com a valorização e o resgate da cultura ancestral do índio, pode modificar a situação", escreveu Neto no relatório enviado semana passada à SSMA.

Na última quarta-feira, inerte numa cama do hospital Santa Rita de Cássia, em Redentora, Gessi Claudino, cinco meses de idade, se recuperava da diarreia e do vômito enfrentado por seu corpo enfraquecido há seis dias. Internada com desnutrição de segundo grau, era amparada pela mãe, Luísa da Rosa, 20 anos, que há menos de um mês viu a outra filha, Jociane, de três anos, morrer, apesar de ter sido internada com simples sintomas de gripe.



Balança: a agente de saúde Marisa Sales percorre os aldeias da Guarita para pesar as crianças



Darei e Dari: gêmeos internados por desnutrição



Gessi: hospitalizada com diarreia e vômitos

As repetidas internações dos gêmeos caingangues Darei e Dari por desnutrição levaram a juíza Liliâne Michels Ortiz, da Comarca de Tenente Portela, a tomar uma decisão radical. A juíza decidiu destituir os pais, temporariamente, da guarda dos filhos. "A irmã mais velha havia morrido por uma doença agravada por desnutrição, e os médicos disseram que os meninos também corriam risco de vida", explica. Hoje, os garotos estão se recuperando lentamente numa Casa de Passagem. Quando chegou ao local, Dari tinha 18 meses e pesava apenas 4,4 quilos. Hoje, está com 5,2 quilos.

Nos últimos dias, as mulheres caingangues começam a se acostumar com a presença de agentes de saúde indígenas em suas casas, com uma balança e cartões onde anotam a altura e o peso das crianças. Quando constata um caso de desnutrição, a agente Marisa Sales, 26 anos, tenta convencer as mães a fornecer aos bebês a multimistura, uma espécie de farinha formada por farelos de alimentos altamente nutritivos, que são moídos e torrados. A técnica em enfermagem Maria Elenir Coroaia, chefe da Seção de Saúde da Funai no Estado, explica que a desnutrição nas reservas indígenas não decorre da fome, mas de formas erradas de alimentação. O desmame é precoce e existe uma forte resistência para usar o leite e a multimistura distribuídos pelos agentes de saúde.

Para agravar o quadro, há falta de médicos e enfermeiros para prestar o atendimento básico dentro da reserva. Como a área é muito extensa, é fácil para um vírus como o da gripe se propagar rapidamente sem controle. A Fundação Nacional de Saúde repassou recursos à prefeitura de Tenente Portela para construir um posto de saúde dentro da área indígena, com módulos sanitários e proteção das fontes de água. As obras ainda não começaram. Resta buscar atendimento nas cidades próximas.

Nos hospitais, os caingangues convivem com uma doença mais perigosa: o preconceito. Desde que foi divulgada a notícia das mortes, a população não-indígena teme até chegar perto dos estabelecimentos. Os doentes pedem para não ficar nos mesmos quartos que os índios. A auxiliar-administrativa Jurema Simon, do Hospital Santa Rita de Cássia, em Redentora, esclarece que o vírus é banal para uma pessoa bem nutrida. Mais do que isso, "O vírus foi transmitido pelos próprios brancos", completa Maria Elenir.

FOTOS ADRIANA FRANCIS/ZETA

ONDE FICA

A reserva de Guarita:

Tenente Portela
Miraguai
Redentora

Reserva da
Guarita

RS

Porto Alegre



Localização
municípios de Tenente Portela,
Miraguai e Redentora

Área
23.406 hectares

Situação fundiária
demarcada, homologada pelo
decreto de 4 de abril de 1991

Etnias
caingangue e guarani
Aldeias: sede, Pau-Escrito,
Aeroclube, Três Soitas, São João do
Irapuá, Bananeiras, Missão

População
4,1 mil indígenas

Fonte: Funai

DOENÇAS

Pobreza e choque cultural
contribuem para agravar os
problemas de saúde:

DOENÇAS MAIS COMUNS:
enfermidades infecciosas e pa-
rasitárias, problemas nutricionais
e metabólicos, doenças do
aparelho circulatório e respira-
tório, embriaguez

O CICLO: crianças mal-alimen-
tadas não crescem nem au-
mentam de peso tão depressa
como as demais. Não têm força
para combater infecções, por
isso adoecem com maior fre-
quência. Sofrem mais de diar-
reia e resfriados. As gripes cos-
tutam durar mais tempo, com
risco de se transformar em
pneumonia. Estão mais sujeitas
a mortes por sarampo, túb-
erculose e outras enfermidades
infecciosas. Até ficarem grave-
mente doentes, em geral os
pais não levam as crianças aos
postos de saúde.

**NÚMERO DE MORTES (POR
VÁRIAS CAUSAS)**

1996: 35

1997: 28

1998: 17 (até o dia 12 de feve-
reiro). Dessas, oito foram asso-
ciadas à virose. Entre os mortos
estão crianças de quatro dias a
um ano, e um idoso com 98
anos.

Fontes: médico Silvano Rocha Neto, da
SSMA e Funai; Aprendendo e Ensinando a
Cuidar da Saúde, de David Werner e Bill
Bower (Edições Paulinas, 1984)



Desprotegidos: os caingangues vivem na reserva de Guarita em casas de palha ou madeira sem saneamento básico, sujeitos a doenças

Projetos são alternativa aos arrendamentos

Dois grandes projetos de auto-sustentação são a mais recente promessa dos brancos para melhorar a situação dos índios de Guarita. Um deles, ainda no papel, envolve uma parceria entre a prefeitura de Redentora, Funai, Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (Unijuí) e Emater e prevê o reflorestamento de toda a área indígena, a construção de moradias e o incentivo a lavouras, com contratação de técnicos para apoio. A intenção é obter financiamento do Banco Mundial. O trabalho foi elaborado junto com os índios. Os planos de auto-sustentação surgem como uma alternativa viável para substituir os arrendamentos de terras de caingangues por brancos da região.

O outro projeto envolve a Procuradoria da República, o Ministério da Agricultura, a Funai, a Emater e a Prefeitura de Tenente Portela. Sem duração de três anos e começou a ser implantado em caráter experimental em duas aldeias. Em dois complexos de agroindústrias vão funcionar unidades-modelo de beneficiamento de arroz, milho, mandioca, massas, bolachas, pães e doces caseiros para consumo dos próprios índios. Haverá também área para criação coletiva de suínos, bovinos, aves e abelhas. O caingangue João Batista Claudino admite que ainda há resistência dos índios em participar. "Achem que a forma de trabalho conjunto

não é para eles", explica. A intenção da Emater é incentivar as lavouras coletivas e, no futuro, unidades familiares de plantio.

O sucesso do projeto, porém, vai depender mais do que da boa vontade dos órgãos envolvidos. A Emater, por exemplo, tem apenas dois técnicos para atender a todo o município de Tenente Portela. "O ideal é que fossem dois técnicos exclusivos para trabalhar com os índios", observa o engenheiro-agrônomo Eduardo Pagot, chefe do escritório da Emater de Tenente Portela.

A morte das crianças com a virose, no início deste ano, chegou a ser usada por alguns índios e por não-índios como argumento para sugerir a volta da exploração das áreas indígenas, na forma de arrendamentos, como saída para a crise. "Na época dos arrendamentos, não existia índio morrendo de desnutrição", diz o caingangue Demétrio Sales Ribeiro, 43 anos. A afirmação não procede. O relatório da Funai sobre a saúde dos índios no Estado em 1995 e 1996, já apontava um déficit nutricional das crianças indígenas 2,5 vezes maior que o das nordestinas.

O roubo de madeira e o arrendamento de terras pelos brancos, com a convivência das lideranças caingangues, vinha acontecendo em Guarita há décadas. Uma ação conjunta do Ministério Público com a Polícia Federal tenta reverter essa situação. Quatorze arren-

datários respondem na Justiça a uma ação penal de julho de 1996. O cacique da reserva, Valdir Joaquim, foi indiciado em oito processos que incluem acusações de arrendamento e extração irregular de madeira. E, desde 1995, tramita uma ação civil pública com o objetivo de recuperar os solos danificados pelos arrendamentos.

O procurador da República Marcelo Beckhausen lembra que arrendar terras indígenas é ilegal. "Além disso, não traz benefícios aos índios, porque o arrendatário não tem preocupação com a conservação do solo", observa. Durante muito tempo, a permissão do uso das terras foi um instrumento de negociação usado por alguns indígenas para obter das prefeituras a assistência médica, de alimentação e de educação que não recebiam dos órgãos federais.

Até o início da ação conjunta entre Polícia Federal e Ministério Público, eram arrendados 8 mil dos cerca de 24 mil hectares da reserva de Guarita. Ainda restam cerca de 100 hectares nessa situação. "Os responsáveis foram notificados, e a próxima colheita será distribuída à comunidade", avisa Celenio Alvarez, administrador regional da Funai no Rio Grande do Sul. Mas o roubo de madeira continua em alguns pontos da reserva. "A área é muito extensa e de difícil controle", justifica.

ADRIANA FRANCIOSINI